

MEMÓRIA: UMA INTERSECÇÃO ENTRE SER E ESCREVER EM *LES RÊVERIES DU PROMENEUR SOLITAIRE*, DE JEAN-JACQUES ROUSSEAU

MEMORY: AN INTERSECTION BETWEEN BEING AND WRITTEN IN LES RÊVERIES DU PROMENEUR SOLITAIRE, BY JEAN-JACQUES ROUSSEAU

Natália Pedroni Carminatti

UNESP - Araraquara

RESUMO: O presente artigo fundamenta-se na análise da obra *Les rêveries du promeneur solitaire* de Jean-Jacques Rousseau, a partir do tema da memória, com a finalidade de verificar como se manifesta esse tema nessa que é uma das obras inaugurais do pré-romantismo francês. Com a linguagem e a visão de mundo centradas no egotismo, na sensibilidade, no gosto pela solidão e pelo devaneio, o filósofo busca, através da memória, escapar da morte. Para não se manter no anonimato, escreve suas memórias; revive, nasce para a sociedade que tanto o atormentou. Fixando-se pela escrita, o cidadão de Genebra intenta duplicar sua existência e voltar aos tempos de felicidade duradoura anteriormente vivenciados. Baseando-se nos trabalhos de importantes teóricos da memória e, realizando um percurso temporal pelos estudos da memória, pretende-se desenvolver a análise do texto a partir das teorias de Santo Agostinho, Maurice Halbwachs, Pierre Nora, finalizando com os estudos desenvolvidos por Sigmund Freud. No decurso dessa análise, procurar-se-á violar as barreiras que afastam as teorias da memória individual das teorias de memória coletiva, evidenciando, como sugere Paul Ricoeur em *A memória, a história, o esquecimento* (1913), a importância do outro psicossocial na reconstituição das nossas próprias lembranças.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Francesa; Jean-Jacques Rousseau; Memória Coletiva; Memória Individual; Autobiografia; Ficção.

ABSTRACT: The present article is based on the analysis of the book *Les rêveries du promeneur solitaire* by Jean-Jacques Rousseau, from the theme of the memory, in order to verify how this theme is manifested in this work which is one of the inaugural works of the French pre-Romanticism. With a language and a worldview centered on egotism, on sensibility, on the taste for solitude and reverie, the philosopher searches, through the memory, to escape from death. Not to remain anonymous, he writes his memories; relives, is born to the society that had tormented him. Fixing by the writing, the Geneva's citizen tries to duplicate his existence and returns to the times of lasting happiness which was previous experienced. Based on the works of the most important theorists of memory and, establishing a temporal route by the studies of memory, we wish to develop an analysis of the text according to the theories of Saint-Augustine, Maurice Halbwachs, Pierre Nora, finalizing with the studies developed by Sigmund Freud. During the analysis, we should break down the barriers between the theories of individual memory and collective memory, showing, according to Paul Ricoeur in *Memory, History, Forgetting* (1913), the importance of the psychosocial other in the reconstruction of our own memories.

KEYWORDS: French Literature; Jean-Jacques Rousseau; Collective Memory; Individual Memory; Autobiography; Ficiton.

Como raios ultravioleta a lembrança mostra a cada um no livro da vida uma escrita que, invisível, na condição de profecia, glosava o texto.

Walter Benjamin, em “Madame Ariadne, segundo pátio à esquerda”.

A produção rousseuniana *Les rêveries du promeneur solitaire* enquadra-se na trilogia de obras autobiográficas do filósofo de Genebra, Jean-Jacques Rousseau (1712-1778). Tal trilogia composta pelas obras *Les confessions*, *Les dialogues, ou Rousseau juge de Jean-Jacques* e *Les rêveries du promeneur solitaire* oferece as premissas incorporadas *a posteriori* pela prosa romântica francesa. De relevância mundial, sobretudo para a literatura francesa, a referida obra, inacabada, apresenta publicação póstuma em 1782, haja vista a morte do filósofo em 1778. Rousseau dedica-se à redação das *Rêveries* durante sua última estada em Paris entre o outono de 1776 e abril de 1778.

Les Rêveries du promeneur solitaire divide-se em dez devaneios, que podem ser lidos separadamente, sem, portanto, obedecer a uma ordem cronológica. Escrito em gênero híbrido, o texto mistura momentos de êxtase, de evocação e de reflexão em que a memória tem um papel importante. Ademais, Rousseau afirma que as páginas escritas terão valor de um diário informativo de seus devaneios. Nessa direção, a unidade da obra é garantida pelo encadeamento das reflexões, dado que em todos os devaneios encontramos um eu que procura conhecer-se e desfrutar de si mesmo.

O primeiro devaneio descreve o estado em que o autor se encontra e desvenda, pela primeira vez, a vontade de estudar a si próprio e desfrutar do sentimento de sua própria existência. O segundo descreve o acidente que sofrera em *Ménilmontant*, episódio em que se observa a integração do eu ao todo, o momento de maior êxtase experimentado pelo protagonista. Fragmenta-se a unidade do ser, do tempo e do espaço, ele não sente, nem mesmo, dor. Nesse devaneio, tem-se o primeiro encontro com a felicidade plena que o filósofo tanto procurava. No terceiro devaneio, o autor relata sua transformação física e moral a partir dos quarenta anos. No quarto, elabora uma profunda reflexão sobre a mentira, uma das problemáticas mais estudadas na vida e obra do filósofo. O quinto devaneio relata a estada do protagonista na Ilha de Saint-Pierre, onde rememora os momentos de felicidade outrora vivenciados. No sexto, faz um exame de consciência e conclui que não fora feito para viver entre os homens. No sétimo devaneio, Rousseau faz um relato sobre as suas atividades botânicas, seu agradável contato com a natureza. No oitavo, o protagonista retorna à paranoica ideia do complô e busca uma

nova maneira para encontrar a felicidade. No nono devaneio, revela seu amor pelas crianças e também por todos os seres humanos, agora, considerados estranhos e inexistentes. E, finalmente, no décimo devaneio, inacabado, relembra os momentos felizes ao lado da Senhora de Warens.

Com essa concisa análise da obra, observa-se a busca constante do ser que pretende encontrar consigo mesmo para usufruir da felicidade. Jean-Jacques Rousseau assume a posição de homem solitário, oriunda das perseguições nas quais acreditava ter sido submetido, desvencilhando-se, desse modo, da sociedade. O filósofo genebrino liga-se à natureza e procura fazer dela sua protetora. Sozinho, repousa nos “braços da mãe comum”, vivendo em codependência recíproca com a mesma. Em plena harmonia com a natureza, oferece os últimos dias de sua vida ao autorreconhecimento:

Me voici donc seul sur la terre, n'ayant plus de frère, de prochain, d'ami, de société que moi-même. Le plus sociable et le plus aimant des humains en a été proscrit par un accord unanime. Ils ont cherché dans les raffinements de leur haine quel tourment pouvait être le plus cruel à mon âme sensible, et ils ont brisé violemment tous les liens qui m'attachaient à eux. J'aurais aimé les hommes en dépit d'eux-mêmes. Ils n'ont pu qu'en cessant de l'être se dérober à mon affection. Les voilà donc étrangers, inconnus, nuls enfin pour moi puisqu'ils l'ont voulu. Mais moi, détaché d'eux et de tout que suis-je moi même? Voilà ce que me reste à chercher. Malheureusement, cette recherche doit être précédée d'un coup d'oeil sur ma position. C'est une idée par laquelle il faut nécessairement que je passe pour arriver d'eux à moi. (ROUSSEAU, 1972, p.35).¹

Ao destinar seus últimos dias ao exame de si, o cidadão de Genebra procurou a melhor forma de comunicar os momentos em que as lembranças do passado lhe vinham à mente. No decorrer de seus devaneios, o genebrino sensibiliza-se de alegria e amor de si, desvairando o êxtase de sua existência, acreditando ser um homem completo e pleno de felicidade. Com isso, nos convida a participar desses encontros consigo mesmo, porém nos confessa a impossibilidade de relembrar as passagens na íntegra, gerando

* As passagens de *Les rêveries du promeneur solitaire* traduzidas em nota de rodapé são de autoria de Fúlvia Maria Luiza Moretto, 2.^a ed., Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1986.

¹ “Eis-me, portanto, sozinho na terra, tendo apenas a mim mesmo como irmão, próximo, amigo, companhia. O mais sociável e o mais afetuoso dos humanos dela foi proscrito por um acordo unânime. Procuraram nos refinamentos de seu ódio que tormento poderia ser mais cruel para minha alma sensível e quebraram violentamente todos os elos que me ligavam a eles. Teria amado os homens a despeito deles próprios. Cessando de sê-lo, não puderam senão furtar-se ao meu afeto. Ei-los, portanto, estranhos, desconhecidos, inexistentes enfim para mim, visto que o quiseram. Mas eu, afastado deles e de tudo, que sou eu mesmo? Eis o que me falta procurar. Infelizmente, essa procura deve ser precedida por um exame da minha situação. É uma ideia porque devo necessariamente passar para chegar deles a mim”. (ROUSSEAU, 1986, p.23).

desconfiança em seu leitor, visto que não se sabe se a obra nos relata passagens verdadeiras ou se são ficcionalizações da vida do filósofo.

A prosa poética de Rousseau parece enunciar, através das sensações, a descoberta, o encontro com seu eu verdadeiro. Por meio da faculdade da imaginação, Jean-Jacques consegue amenizar o conflito interior a que fora subordinado, buscando, assim, a integridade do eu. Faz-se necessário acentuar que essas ocasiões de encontro consigo mesmo duravam alguns instantes, haja vista a imediatez dos sentidos ao transmitir as disposições interiores. Levando-se em consideração as ideias difundidas posteriormente pelo Romantismo, que buscou trazer à tona a faculdade da imaginação, não só como um processo relacionado à criação literária, mas também como uma nova maneira de compreensão do próprio ser, Rousseau destacou-se pela importância concedida ao bem-estar mental para gozar de si, testemunhando a magnitude de suas lembranças que proporcionavam uma sintonia perfeita entre o corpo e alma. Por isso, decide fixar pela escrita às ocasiões mais exuberantes de sua existência, ornamentando sua prosa com intervalos poéticos, demonstrando os instantes irracionais da existência humana.

DE ARS MEMORIAE À MEMÓRIA PATOLÓGICA: UM ESTUDO DA MEMÓRIA ATRAVÉS DOS TEMPOS

Em um primeiro momento projetar-se-á o olhar à obra *Les Rêveries du promeneur solitaire* com intenção de conduzir a análise da mesma por meio de um percurso temporal nos estudos representativos da memória. Inicia-se este trabalho com a construção de um traslado que terá como ponto de partida as *Confissões* de Santo Agostinho, culminando com os estudos desenvolvidos por Sigmund Freud, no que diz respeito ao estudo da memória do inconsciente e suas respectivas influências na personalidade e atitudes humanas. Em meio a essa trajetória, diligenciaremos nossas investigações de forma que a reconstituição das lembranças não seja apenas produto do universo individual, mas também demonstraremos a importância do universo coletivo na construção do ser. Dedicaremos nossa atenção para o volume *A memória, a história, o esquecimento* (1913) de Paul Ricoeur, além dos estudos desenvolvidos por Maurice Halbwachs em *A memória coletiva* (1990).

Historicamente, o processo de constituição da memória era delimitado pela intensa necessidade de gravar. Para Platão, o bloco de cera era essencial para imprimir aquilo

que desejávamos recordar, entretanto para Aristóteles, a memória é o tempo passado trazido ao tempo presente sob as sensações e os pensamentos. Observa-se, aqui, a função primordial da memória: a temporização. A volta ao passado é, de acordo com Paul Ricoeur (1913), uma caçada. Trabalhamos nossos neurônios para voltar aos momentos mais pertinentes de nossa existência, ou aos momentos que nos suscitaram alguma sensação, quer seja de felicidade, quer seja de dor. O tempo é indispensável nos estudos relativos ao tema da memória, pois a demarcação da unidade temporal está intrínseca à essência da memória.

Santo Agostinho, em *Confissões X* (397-398), retrata o caminho da busca do conhecimento de si como pressuposto para atingir as verdades sólidas e perenes. Ao considerar a memória como o ventre da alma, revela o poder da mesma para a construção da identidade do ser. Assim, a verdade é encontrada no ser humano através da interioridade, isto é, por meio do conhecimento. Com sabedoria é possível apreender as verdades consideradas universais:

Chego aos campos e vastos palácios da memória onde estão tesouros de inumeráveis imagens trazidas por percepções de toda espécie. Aí está também escondido tudo o que pensamos, quer aumentando quer diminuindo ou até variando de qualquer modo os objetos que os sentidos atingiram. Enfim, jaz aí tudo o que se lhes entregou e depôs, se é que o esquecimento ainda não o absorveu e sepultou. (AGOSTINHO, 1973, p.200).

Além disso, Santo Agostinho revela que não são as realidades que estão presentes na memória, mas sim suas imagens e a qualquer momento podem insinuar imagens de coisas mais sensíveis, tornando o ato de recordar uma obra mágica, sempre a serviço do pensamento, já que tudo está presente nos “vastos palácios da memória”:

[...] o céu, a terra e o mar com todos os pormenores que neles pude perceber pelos sentidos, exceto os que já esqueci. É lá que me encontro a mim mesmo, e recordo as ações que fiz, o seu tempo, lugar, e até os sentimentos que me dominavam ao praticá-las. É lá que estão todos os conhecimentos que recordo, aprendidos ou pela experiência própria ou pela crença no testemunho de outrem. (AGOSTINHO, 1973, 2001).

Ao sugerir a memória a partir da metáfora dos vastos palácios, o teólogo admite a facilidade de acesso a esses campos, pois algumas imagens aparecem imediatamente. Outras, porém, necessitam de um trabalho de recordação mais elaborado, requisitando um esforço mais intenso nesse ato de busca. Tem-se, desse modo, a ideia de arquivo,

visto que certas imagens desnecessárias aparecem e nós as escondemos por não possuírem a devida importância na determinada ocasião. Não são esquecidas. São, porém, arquivadas, para que estejam disponíveis sempre que almejarmos. As imagens ficam, portanto, retidas em nosso espírito e chegam ao tempo presente sem imperfeições ou rasuras.

“A memória lembra-se de se lembrar” (AGOSTINHO, 1973, p.204) e cada nova recordação compreendemos a importância de uma lembrança, distinguimos sua indispensabilidade, conservando-a na memória, para depois nos lembrarmos. Assim, lembramo-nos até do que devemos lembrar. A prática da recordação impera sobre as constantes mudanças que nos deparamos no decurso de nossa vivência.

Adentrando-se nas *Rêveries* percebe-se a função significativa da memória no decorrer de toda obra. O genebrino nos incita a investigar os prazeres de nossa própria alma, por meio do ato de reminiscência. Ao fundir os tempos de sua prosa poética, haja vista a mescla dos tempos verbais, desconstruindo a cronologia temporal do volume, Rousseau constrói um discurso mediado pelas sensações de que dispunha nos momentos em que ele acreditava ser ele mesmo, como a natureza pretendeu.

Tendo em vista o estilo de época em que o filósofo escreveu as *Rêveries*, constata-se que apesar de fazer uso dos conceitos clássicos, o autor encaminha a construção do texto para os moldes modernos. As unidades temporais mesclam-se durante todo texto das *Rêveries*, fundindo passado, presente e futuro. O tempo passado volta à memória do filósofo em toda sua plenitude e os instantes em que ele dedica para as descrições são considerados os mais ativos, já que o momento da reminiscência é sempre eufórico. Assim, a poesia exterioriza o discurso do eu e, por meio dela, o discurso interiorizado exprime-se.

A função metafórica da memória possui marcadores discursivos que condicionam estas miscigenações verbais. O uso da expressão *à present*, traduzida para o português por *hoje*, conduz a prosa poética de Jean-Jacques ao tempo presente. No entanto, depara-se com verbos no tempo passado em que se vê realizado o trabalho simbólico da memória e, ainda, pode-se notar os desejos que transportam a prosa para o futuro:

Telle est, laissant à part les visites imprévues et importunes, la manière dont j'ai passé mon temps dans cette île durant le séjour que j'y ai fait. Qu'on me dise **à présent** ce qu'il y a là d'assez attrayant pour exciter dans

mon coeur des regrets si vifs, si tendres et si durables qu'au bout de quinze ans il m'est impossible de songer à cette habitation chérie sans m'y sentir à chaque fois transporté encore par les élans du désir.² (ROUSSEAU, 1982, p.100, grifo nosso).

Como se observa na citação reportada na página anterior, o discurso de Jean-Jacques nos encaminha para a vivência passada, isto é, para o momento de maior êxtase sentido pelo protagonista durante a sua estada na Ilha de Saint-Pierre. O passado reconstituído no tempo presente é marcado pela fala do genebrino, nesse sentido, adotando a posição de narrador dos próprios devaneios. O futuro só pode ser feliz e pleno se Rousseau for transportado ao passado. Ora, tempo passado é fundamental na formação do presente e do futuro de Jean-Jacques Rousseau, orientando sua postura enquanto ser.

Tendo como base os estudos desenvolvidos por Maurice Halbwachs (1990) a lembrança é mais significativa, é mais ativa, se a mesma é recordada não apenas por nós, mas também por um grupo de pessoas. O teórico afirma, também, que a impressão de muitos é mais valiosa que a de uma única pessoa, pois no decorrer da prática da reminiscência os olhos dos outros podem completar certas recordações que nos fugiam à mente:

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 1990, p.30).

No que tange à obra *Les rêveries du promeneur solitaire*, apesar de optarmos pelo estudo patológico representativo da memória, salienta-se que a união da memória individual à memória coletiva é indispensável para a formação do sujeito. O olhar do outro, mesmo distante, na construção dos devaneios de Rousseau conserva importância

² “Tal foi, executando as visitas imprevistas e importunas, a maneira pela qual passei meu tempo nessa Ilha durante a estada que nela fiz. Que me digam hoje o que há nela de tão atraente para excitar em meu coração tão vivas, tão ternas e tão duráveis nostalgias, para que, ao fim de quinze anos, me seja impossível pensar nessa habitação cara sem para lá me sentir transportado ainda pela aspiração do desejo”. (ROUSSEAU, 1986, p.75).

singular. Isso tudo se torna pertinente à medida que fazemos a leitura da obra e percebemos as constantes falhas de memória do genebrino:

J'écrivais mes Confessions déjà vieux, et dégoûté des vains plaisirs de la vie que j'avais tous effleurés et dont mon coeur avait bien senti le vide. **Je les écrivais de mémoire; cette mémoire me manquait souvent ou ne me fournissait que des souvenirs imparfaits et j'en remplissais les lacunes par les détails que j'imaginai en supplément de ces souvenirs, mais qui ne leur étaient jamais contraires.** J'aimais m'étendre sur les moments heureux de ma vie, et je les embellissais quelquefois des ornements que de tendres regrets venaient me fournir. **Je disais les choses que j'avais oubliées comme il me semblait qu'elles avaient dû être, comme elles avaient été peut-être en effet, jamais au contraire de ce que je me rappelais qu'elles avaient été.** Je prêtais quelquefois à la vérité des charmes étrangers, mais jamais je n'ai mis le mensonge à la place pour pallier mes vices ou pour m'arroger des vertus. (ROUSSEAU, 1972, p.88, grifo nosso).³

O ponto intrigante levantado no trecho acima é propiciado pelas próprias palavras do filósofo, no que concerne aos desvios de sua memória. Rousseau confessa suas falhas mnemônicas e afirma que a imaginação lhe era uma ferramenta elementar no decorrer da escrita das caminhadas solitário. Talvez a presença de um grupo de pessoas, ou de só uma outra pessoa assegurasse um número maior de lembranças, ou reconstituiria as lembranças em sua íntegra, pois como afirma Maurice Halbwachs:

uma ou muitas pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muita exatidão fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas, e conseguem até reconstituir toda a sequência de nossos atos e nossas palavras em circunstâncias definidas, sem que nos lembremos de nada de tudo isso. (HALBWACHS, 1990, p.31).

As reminiscências pessoais tornam-se verídicas em consequência do testemunho dos outros, dado que são reorganizadas e recorrigidas, incorporando-se à nossa lembrança inicial. Halbwachs esclarece que o testemunho apresenta uma posição singular no sistema de rememoração, haja vista o poder de cristalização da semente da

³ “Escrevia minhas *Confissões* já velho e entediado com os vãos prazeres da vida que, mesmo superficialmente conhecera todos e dos quais meu coração bem sentira o vazio. Escrevi-os de memória; essa memória me falhava muitas vezes ou somente me fornecia lembranças imperfeitas e eu preenchia suas lacunas com detalhes que imaginava, como complemento dessas lembranças, mas que nunca lhe eram contrárias. Gostava de me alongar sobre os momentos felizes da minha vida e os embelezava algumas vezes com os ornamentos que ternas nostalgias vinham me fornecer. Dizia coisas que esquecera, como me parecia que deviam ter sido, como talvez realmente tivessem sido, nunca o contrário do que lembrava terem sido. Algumas vezes, conferia à verdade encantos estranhos mas nunca a substituí pela mentira para paliar meus vícios ou para me atribuir virtudes”. (ROUSSEAU, 1986, p.64).

recordação, em outros termos, o domínio de garantir uma “massa consistente de lembranças” que, por um motivo ou por outro, a nossa memória não foi capaz de se lembrar.

A memória possui, de fato, uma função representativa no desenvolvimento da personalidade humana. O homem é o animal mais beneficiado pelo poder da mesma. No conto *Funes, o memorioso*, Jorge Luís Borges relata que o excesso de memória pode ser prejudicial e destruidor. Segundo o próprio autor, o conto é uma grande “metáfora do insone”. A capacidade extraordinária de Funes de lembrar-se de tudo, nos mínimos detalhes, o prejudicava, pois vivia num estado de reminiscência constante. O “cronométrico Funes” é passado, pois sobrevive de recordações. Desse modo, viver para Funes era lembrar, já que não só o presente era repleto e cristalino, enquanto “também as memórias mais antigas e triviais”. (BORGES, 2007, p.104).

É importante ressaltar uma das características mais importantes da memória que, muitas vezes, é julgada como um problema, uma doença ou até mesmo uma falha. O esquecimento é a condição essencial para a existência da memória. De acordo, com Jean-Yves e Marc Tadié, em *Les sens de la mémoire*,

La mémoire et l'oubli sont comme vie et mort l'un pour l'autre. Vivre, c'est se souvenir, et se souvenir c'est vivre. Mourir est oublier, oublier, c'est mourir. De même que la mort est un processus de vie, et la vie un processus de mort, de même la mémoire pour l'oubli. Il n'y a ni mémoire absolue ni oubli absolu. (TADIÉ, 1999, p.237)⁴.

O esquecimento é requisito fundamental para o bom funcionamento da memória. Como evidenciam os autores, o ato do esquecimento garante a existência da memória, uma vez que só se pode lembrar daquilo que estava esquecido. Em *Funes, o memorioso*, o protagonista não tem oportunidade do esquecimento, pois sua memória permanece intensa, mesmo durante o sonho. Diz Funes: “Meu sonho é a vigília de vocês”. (BORGES, 2007, p.105).

O esquecimento é o sintoma do mundo contemporâneo. O medo de esquecer provoca na sociedade o anseio de arquivar. A compulsão por lembrar-se de tudo faz da

⁴ “A memória e o esquecimento são como vida e morte um para o outro. Viver é se lembrar, e se lembrar é viver. Morrer é esquecer, esquecer, é morrer. Assim como a morte é um processo de vida, e a vida é um processo de morte, do mesmo modo que a memória é para o esquecimento. Não há nem memória absoluta nem esquecimento absoluto”. [Tradução nossa].

memória não mais uma representação da identidade, mas sim o sinônimo do arquivo. Isso fica evidente com o protagonista Funes. A vontade de reter tudo não lhe permite saber o que é favorável e sua memória passa a ser um “depósito de lixo”.

Retornando à obra *Les rêveries du promeneur solitaire*, pretende-se demonstrar o funcionamento da memória na construção da identidade do cidadão suíço, Jean-Jacques Rousseau. De modo como foi apresentando por Jean-Yves e Marc Tadié, em *Les sens de la mémoire* (1991): “C’est la mémoire qui fait l’homme”.⁵ (TADIÉ, 1999, p.10). Assim, a memória constrói o homem e também constrói o seu futuro, não permitindo que esse seja um abismo desconhecido. Após utilizar como suporte teórico a obra, *A memória coletiva*, de Maurice Halbwachs, em que se observa a função do outro no recordar de nossas lembranças, compreende-se que nossa memória é muito frágil para simbolizar nossos pensamentos. Adotando o ponto de vista de um ou de vários grupos obter-se-á acesso mais rápido aos tempos de outrora.

Seguindo, ainda, os caminhos trilhados por esse estudioso da memória, testemunha-se que:

a sucessão de lembranças, mesmo as mais pessoais, sempre se explica pelas mudanças que produzem em nossas relações com os diversos ambientes coletivos, ou seja, em definitivo, pelas transformações desses ambientes, cada um tomado em separado, e em seu conjunto. (HALBWACHS, 1990, p.69).

Ademais, o que garante o bom funcionamento no trabalho de sucessão das lembranças são os “lugares da memória” que representam a vontade de um grupo. Esses lugares simbolizam os anseios do ponto de vista coletivo. De acordo com a perspectiva de Pierre Nora (1993), a existência de tais lugares focaliza o desejo de um grupo em construir sua própria identidade.

Dessa maneira,

os lugares da memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. (NORA, 1993, p.13).

Os lugares da memória edificam a história de um grupo ou até mesmo de uma nação. A necessidade de arquivar provém do desejo de preservar tudo. A memória não mais

⁵ “É a memória que faz o homem”. [Tradução nossa].

realiza exercícios naturais, haja vista o avanço tecnológico que faz de um simples momento, um arquivo.

No que diz respeito ao volume *Les rêveries du promeneur solitaire* será a memória coletiva importante na formação psicológica do genebrino? A resposta a esse questionamento parece-nos decifrável. No decurso da leitura dos devaneios, Rousseau nos faz conhecer as falhas de sua memória que, em diversos momentos, prejudicavam seu inconsciente. O não lembrar era preenchido por situações possíveis ou por situações imaginárias? A presença da sociedade do século XVIII nos ajudaria a compreender se o que conta o filósofo em sua obra é verdade, ou se é produto do seu universo criativo? Como não se conhece as vias de acesso a essa sociedade, pois, hoje, esse grupo encontra-se sepultado, apoiar-nos-emos nas teorias freudianas para responder às interrogações que nos levou a estudar a obra rousseuniana, especialmente, essa que inaugurou o pré-romantismo francês.

Ao optarmos pelo estudo do nosso grande filósofo do século XVIII a partir do viés psicanalítico, exploraremos as teorias da psicanálise que revolucionaram a era dos XIX, a partir dos estudos promovidos por Sigmund Freud. Pierre Nora (1993) em *Entre memória e história: A problemática dos lugares* abre os caminhos no que tange as transições enfrentadas pelos estudos da memória:

É no fim do século passado, quando se sentem os abalos decisivos dos equilíbrios tradicionais, particularmente o desabamento do mundo rural, que a memória faz sua aparição no centro da reflexão filosófica, com Bergson, no centro da personalidade psíquica, com Freud, no centro da literatura autobiográfica, com Proust? A violação do que foi, para nós, a própria imagem da memória encarnada e a brusca emergência da memória no coração das identidades individuais, são como duas faces da mesma moeda, o começo do processo que explode hoje. Não devemos efetivamente a Freud e a Proust os dois lugares da memória íntimos e ao mesmo tempo universais que são a cena primitiva e a célebre pequena madalena? **Deslocamento decisivo que se transfere da memória: do histórico ao psicológico, do social ao individual, do transmissivo ao subjetivo, da repetição à rememoração. Inaugura-se um novo regime de memória, questão daqui por diante privada.** A psicologização integral da memória contemporânea levou a uma economia singularmente nova da identidade do eu, dos mecanismos da memória e da relação com o passado. (NORA, 1981, p.17-18, grifo nosso).

Em meio às diversas crises que intentavam dessacralizar os cânones impostos pela tradição, a memória perde sua função de “arte da memória”, isto é, deixa de ser

instrumento de transmissão oral da cultura e passar a ser observada como processo fundamental na construção da identidade do sujeito. No Iluminismo (1650-1700) e no período romântico (1800-1840) é que se desenvolvem os primeiros estudos relacionados à memória com ênfase na arquitetura do ser. Ademais, a memória passa a ser via de ingresso ao tempo passado. É uma circunspeção sobre as vicissitudes subjetivas dessa atividade, deixando de ser ato consciente de recordação. Na literatura, essa propensão está registrada nas produções de Jean-Jacques Rousseau. A memória é, portanto, um processo particular e diz respeito à vida interior.

As premissas do movimento romântico são apresentadas por Rousseau a sua época. O romance dito moderno tem por objetivo a introdução do sujeito na representação. O mesmo realiza-se nos estudos da memória. Com Freud, a memória ganha novos contornos, sendo acesso à consciência das lembranças esquecidas. Para o psicanalista “o passado não se encontra morto, na medida em que insiste e se repete no presente, renovando-se em várias traduções”. (WAJNBERG, 1997, p.108).

Através da memória Rousseau pretendeu visitar seu passado e reviver as sensações de que dispunha nos momentos em que acreditava ser ele mesmo, sem desvios e sem obstáculos. Ao adentrar os “vastos palácios da memória” o genebrino relembra os tempos em que a felicidade perfeita o atingiu em toda a sua magnitude, e nas situações em que sua memória demonstrava-se imperfeita, já que ele não se recordava dos acontecimentos em sua plenitude, com seu grandioso e sublime tom oratório decora sua prosa com interlúdios poéticos, evidenciando-se como um dos grandes poetas do século XVIII. Tem-se uma narrativa em prosa que é interrompida por momentos de poesia. O texto escrito se realiza na nossa duração, ou seja, dentro da nossa interioridade.

Tout est dans un flux continuel sur la terre: rien n'y garde une forme constante et arrêtée, et nos affections qui s'attachent aux choses extérieurs passent et changent nécessairement comme elles. Toujours en avant ou en arrière de nous, elles rappellent le passé qui n'est plus ou préviennent l'avenir qui souvent ne doit point être: il n'y a rien là de solide à quoi le coeur puisse attacher. Aussi n'a-t-on guère ici-bas que du plaisir qui passe; pour le bonheur qui dure je doute qu'il soit connu. (ROUSSEAU, 1972, p.101).⁶

⁶ “Tudo vive num fluxo contínuo na terra: nela, nada conserva uma forma constante e definitiva e nossas afeições, que se apegam às coisas exteriores, passam e se transformam necessariamente como elas.

Esses interlúdios poéticos preenchem os instantes mais irracionais do autor. Como se verifica no excerto, o passado parece ser a condição de existência do futuro que possui como marca a incerteza. O passado existiu e ainda renasce nos pensamentos de Rousseau, no entanto, o futuro é desconhecido, inquieta o coração do filósofo. Sob a ótica do autor das *Confissões*, a felicidade duradoura não é conhecida, pois é preciso voltar ao passado ou avançar ao futuro para desfrutar dessas chances que o coração nos oferece.

Concomitantemente aos dizeres de Jean-Jacques Rousseau, os trabalhos realizados por Sigmund Freud nos oferecem o alicerce necessário à compreensão das *Rêveries*. Freud em *Psicologia das massas e análise do Eu* (1920) nos diz:

[...] O contraste entre a psicologia individual e a psicologia social ou de grupo, que à primeira vista pode parecer pleno de significação, perde grande parte de sua nitidez quando examinado mais de perto. **É verdade que a psicologia individual relaciona-se com o homem tomado individualmente e explora os caminhos pelos quais ele busca encontrar satisfação para seus impulsos instintuais; contudo, apenas raramente e sob certas condições excepcionais, a psicologia individual se acha em posição de desprezar as relações desse indivíduo com os outros.** Algo mais está invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo, como um modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente, de maneira que, desde o começo, a psicologia individual, neste sentido ampliado, mas inteiramente justificável das palavras é, ao mesmo tempo, também psicologia social. (FREUD, [1920] 1996, p. 91, grifo nosso).

Dessa forma, constata-se que jamais estamos sozinhos e que as vozes do Outro, simbolizando a psicologia social do grupo, são necessárias para o desenvolvimento individual e para o estudo da psicologia do eu. O Outro significa o ideal do eu, as vozes da sociedade que nos preenchem e não nos damos conta por serem, muitas vezes, atitudes não conscientes que passam a se revelar conscientes ao longo do tempo.

Como já foram expostas, ambas as psicologias trabalham em relação de simbiose e ditam a personalidade do ser. A restauração de um passado sem lacunas nos proporcionaria a compreensão das intenções do genebrino, pois o ser humano não é nada sem memória. Somos memória. Cabe a cada um de nós sermos os senhores de nossas próprias casas, porém não somos capazes de dominar a nossa casa, em outras

Sempre à nossa frente ou atrás de nós, lembram o passado, que não existe ou antecipam o futuro que, muitas vezes, não deverá existir: nada há de sólido a que o coração possa se apegar. Assim, na terra, temos apenas um pouco de prazer que passa; quanto à felicidade duradoura, duvido que seja conhecida". (ROUSSEAU, 1986, p.76).

palavras, nosso inconsciente. Segundo Freud, as sensações são movidas por causas inconscientes, sob o trabalho de elaboração da memória, sempre sobre forças psíquicas posteriores. A memória representa o poder de uma vivência continuar produzindo efeitos. Vale ressaltar o caráter seletivo da memória, uma vez que a existência da mesma é delimitada pelo esquecimento. Só conseguimos memorizar o conhecido e aquilo que nos interessa, já que a escolha do que memorizar dá-se pela necessidade do ser.

A memória em Freud vem com o rastro da inscrição. Tudo fica esquecido na memória e através de um impulso voltamos a beber nas águas do nosso passado. Segundo o psicanalista, todo ser vivo tem o desejo de voltar ao estado inorgânico, ou melhor, todo organismo busca sua origem, o ideal do próprio eu. Ora, aqui nos interrogamos, não será essa a intenção do genebrino nessa obra autobiográfica?

Je consacre mes derniers jours à m'étudier moi-même et à préparer d'avance le compte que je ne tarderai pas à rendre à moi. Livrons-nous tout entier à la douceur de converser avec mon âme puisqu'elle est la seule que les hommes ne puissent m'ôter. Si à force de réfléchir sur mes dispositions intérieures je parviens à les mettre en meilleur ordre et à corriger le mal qui peut y rester, mes méditations ne seront pas entièrement inutiles, et quoique je ne sois plus bon à rien sur la terre, je n'aurai pas tout à fait perdu mes derniers jours. Les loisirs de mes promenades journalières ont souvent été remplis de contemplations charmantes dont j'ai regret d'avoir perdu le souvenir. (ROUSSEAU, 1972, p.41).⁷

Rousseau oferece seus dias finais à busca do prazer e do conhecimento de si. Para Freud, a felicidade advém da satisfação dos prazeres. A fim de atingir este estado de êxtase é preciso que haja anulação do sofrimento, pois a teoria freudiana sobre a felicidade se baseia simultaneamente na “obtenção do prazer e evitação de desprazer”. A existência da vida é certificada pela atuação simultânea da pulsão de vida e da pulsão de morte. Como afirma Jean-Jacques Rousseau, a alma foi a única coisa que os homens não lhe roubaram. Essa conversa com a alma nada mais é que o desejo de repetição do

⁷ “Consagro meus últimos dias a estudar-me a mim mesmo e a preparar de antemão as contas que não tardarei a dar de mim mesmo. Entreguemo-nos inteiramente à doçura de conversar com a minha alma, já que é a única coisa que os homens não me podem tirar. Se, à força de refletir sobre minhas disposições interiores, consigo pô-las em melhor ordem e corrigir o mal que nelas pode ter ficado, minhas meditações serão inteiramente inúteis e embora não sirva mais para anda na terra, não terei perdido completamente os meus últimos dias. Os lazeres de minhas caminhadas diárias foram frequentemente preenchidos por contemplações encantadoras das quais tenho desgosto de ter perdido a lembrança”. (ROUSSEAU, 1986, p. 26).

passado, reeditando a mesma impressão, porém em direções diferentes. A felicidade suprema alcançada na Ilha de Saint-Pierre simboliza o passado reconfigurado no presente, já que as recordações completaram as lacunas da memória.

Eis o que nos diz Sigmund Freud a respeito das lembranças esquecidas:

Esquecer impressões, cenas ou experiências quase sempre se reduz a interceptá-las. Quando o paciente fala sobre estas coisas “esquecidas”, raramente deixa de acrescentar: “Em verdade, sempre o soube; apenas nunca pensei nisso”. Amiúde expressa desapontamento por não lhe vierem à cabeça coisas bastantes que possa chamar de “esquecidas” - em que nunca pensou desde que aconteceram. Não obstante, mesmo este desejo é realizado, especialmente no caso das histerias de conversão. O “esquecer” torna-se ainda mais restrito quando avaliamos em seu verdadeiro valor as lembranças encobridoras que tão geralmente se acham presentes. (FREUD, 1924, s.p).

Retendo nossa atenção à citação, nota-se que as lembranças esquecidas de Rousseau em verdade não estão esquecidas. Talvez os momentos de contemplação do genebrino não tenham sido tão encantadores como ele mesmo afirma, pois se tivessem, suscitariam instantes plenos e lembranças intactas. Ademais, a compulsão de repetir é a sua maneira de recordar. Temos a impressão que o filósofo repete seu passado, renovando-o em versões heterogêneas. Aquilo que, sob o ponto de vista de Rousseau, está esquecido não deixa de ser lembranças encobridoras, enquanto disfarçadas, o fazem pensar em tê-las esquecido.

A prática de recordar preenche rasuras na memória e confere sentido àquilo que antes não existia. O inominável ganha novos horizontes e Jean-Jacques Rousseau faz o leitor entrar em estado de introspecção. As *Rêveries* pretendem representar não só as disposições interiores do filósofo, mas também de todos aqueles que partilham de tais disposições. Rousseau atribui a uma causa exterior aquilo que provém dele próprio. Assim, só os que se encontram na mesma posição poderão sentir e participar dos encontros solitários consigo mesmo. O ato de selecionar o passado, ou seja, escolher aquilo que lhe convém não deixa de ser um controle, pois o controle do passado é uma das armas mais poderosas para o domínio do futuro.

“A memória parece ser um dos nomes que essa intersubjetividade assimétrica pode tomar: irreduzível ao si mesmo, pressupondo outrens temporais, tempos inomináveis ganhando muitas histórias para a nossa origem”. (CHNAIDERMAN, 2003, s.p). O eterno

retorno do mesmo, retorno ao estado inanimado da morte, carrega o traço característico do ser. O resgate ao passado transmite um selo a ser decifrado no futuro. A memória é recontagem, e ao transmiti-la para linguagem percebemos que as palavras não são suficientes para descrever as sensações.

Ao transcrever as memórias para a linguagem constata-se sua limitação. Porém, a única maneira de reviver, de se lembrar do que foi sentido, ocorre através da escrita. O interessante da intersecção desenvolvida entre a literatura, a psicanálise e a filosofia, nesse artigo, é estabelecer de que modo a arte literária vem suprir a vontade inconsciente. Além disso, interessamo-nos na maneira pela qual o texto em si, enquanto gênero literário, modela-se para transpor no papel aquilo que é peculiar à alma:

não é dado bruto que importa, mas sua *transposição para o papel*, e sua necessária transformação, quando entram recursos estilísticos, a metáfora, a metonímia, o símbolo, a alegoria; quando atuam os processos de elaboração poética de condensação e deslocamento [...]. A memória é apenas matéria-prima de um processo de mimese. (MENESES, 1995, p.160, grifo da autora).

REFERÊNCIAS

BORGES, J. L. **Ficções**. Trad. Davi Arriguci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CHNAIDERMAN, M. **Esfarelando tempos não ensimesmados**. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982003000200004.

Acessado em 25 de janeiro de 2013.

FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do ego**. In S. Freud. Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago ([1920] 1996), p. 295-300.

FREUD, S. **Recordar, repetir e elaborar**. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/73949591/13/DA-PSICANALISE-II>. Acessado em 23 de janeiro de 2013.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro Editora, 1991.

MENESES, A. B. **Do poder da palavra: ensaios de Literatura e Psicanálise**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

MORETTO, F. M. L. Prefácio. In: ROUSSEAU, J. -J. **Os devaneios do caminhante solitário**. Tradução de Fúlvia Maria Luiza Moretto. Brasília: Ed. UnB, 1986. p.7-17.

NORA, P. **Entre a memória e a história: a problemática dos lugares**. Tradução de Yara Aun Khoury. São Paulo: Projeto História, 1981. p. 7-28.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad: Alain François [et al.]. Campinas, SP : Editora da UNICAMP, 2007.

ROUSSEAU, J.-J. **Les Rêveries du promeneur solitaire**. Paris: Gallimard, 1972 (Coll Folio Classique).

ROUSSEAU, J.-J. **Os devaneios do caminhante solitário**. Tradução de Fúlvia Maria Luiza Moretto. Brasília: Ed. UnB, 1986.

_____. **Les rêveries du promeneur solitaire**. Paris: Gallimard, 1972. (Folio Classique).
SANTO AGOSTINHO. **As confissões**. Trad. Frederico Ozanam Pessoa de Barros. Rio de Janeiro: Ediouro, S/d. (Coleção Universidade de Bolso, v. 31993).

TADIÉ, J.-Y.; TADIÉ, M. **Le sens de la mémoire**. Paris: Gallimard, 1999. (Coleção Folio Essais).

WAJNBERG, D. **Jardim de Arabescos: uma leitura das Mil e Uma Noites**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.